

DIALOGISMO, GÊNEROS E DISCURSO: ESTUDOS BAKHTINIANOS

José Pereira da Silva (UERJ)

Considerações iniciais

Enquanto o estruturalismo saussuriano permaneceu na linha de frente dos estudos linguísticos, a análise do discurso e a linguística textual só eram conhecidas por alguns poucos profissionais de ensino superior e produção de conhecimento nas áreas de linguística e letras.

Depois disso, no entanto, o filósofo russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin se tornou leitura quase obrigatória para os novos estudantes e profissionais de letras no Brasil, principalmente depois que os *Parâmetros Curriculares Nacionais* começaram a ser conhecidos e aplicados nas aulas de língua portuguesa e nos estudos literários, do ensino fundamental ao superior.

Nossa intenção, aqui, é relacionar os principais trabalhos produzidos e publicados pelo Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, em seus periódicos (*Revista Philologus*, *Cadernos do CNLF*, *Soletras* e *Linguagem em (Re)vista*), tratando da teoria e da prática das propostas de Mikhail Mikhailovich Bakhtin, em diversas situações do ensino, da pesquisa e da produção textual, em diversos gêneros.

Fizemos questão de relacionar os principais artigos relativos a esses temas, oferecendo uma síntese do tratamento que cada um deles apresentou, ora parafraseando, ora citando literalmente a contribuição de seus autores. Mas, como são muito numerosos, nem todos foram comentados, apesar de relacionados nas REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

Desenvolvimento do tema

No desenvolvimento dessa proposta, tentamos organizar os tópicos, relacionando os trabalhos comentados de acordo com os seguintes subtópicos: **2.1. Dialogismo** (com o comentário sobre sete trabalhos); **2.2. Gêneros** (com três trabalhos); **2.3. Gêneros textuais** (com dois trabalhos) e **2.4. Gêneros do discurso** (com nove trabalhos).

Esta subdivisão não é rigorosa, pois será difícil separar rigorosamente os assuntos tratados nos diversos artigos comentados. Mas as REFERÊNCIAS vão seguidas dos links para os textos completos dos artigos, todos disponibilizados virtualmente, como se pode ver a seguir, para que os interessados os consultem diretamente. Também não se pretende comentar todos os artigos importantes sobre o tema, publicados pelo CIFEFiL, apesar de serem relacionados nas REFERÊNCIAS, visto serem mais de três dezenas, inclusive porque ficaria muito repetitivo em alguns tópicos.

Dialogismo

Marlene Eliane dos Santos e Aline Saddi Chaves (2013), em "A circulação do conceito de gênero do discurso em duas instâncias mediadoras do ensino e aprendizagem da língua portuguesa", acreditam que a “concepção sobre o funcionamento da linguagem com base em gêneros do discurso não pode ser desvinculada da teoria do dialogismo”. Por isto, propõem que, para compreender a formulação sobre os gêneros do discurso, como se apresenta em *Estética da Criação Verbal* (BAKHTIN, 2003), é preciso relacioná-la à teoria do dialogismo”, que “é, antes de tudo, um princípio da linguagem”. (SANTOS & CHAVES, 2013, p. 27)

Ânderson Rodrigues Marins, em Dialogismo bakhtiniano em *Esau e Jacó*, refere-se ao eminente professor Paulo Bezerra, lembrando que ele, fundamentado nos estudos de Mi-

Mikhail Mikhailovich Bakhtin, esclarece que, em todo texto literário, existe um autor primário ou autor criador. Este nos é apresentado como figura real, que está fora da estrutura da obra, e, que, ao criá-la, cria também a sua imagem, que é um autor secundário. Assim, segundo Mikhail Mikhailovich Bakhtin, o autor cria seres independentes, com os quais dialoga:

O nosso ponto de vista não afirma, em hipótese alguma, uma certa passividade do autor, que apenas montaria os pontos de vista alheios. (...) O autor é profundamente ativo, mas o seu ativismo tem um caráter dialógico especial. (...) Esse ativismo que interroga, provoca, responde, concorda, discorda etc.

Cleide Emília Faye Pedrosa (2007), em Dialogismo, aspecto constitutivo do discurso: uma releitura de Bakhtin a partir de autores nacionais, trata das propostas bakhtinianas sobre dialogismo e, conseqüentemente, sobre a polifonia, através da releitura realizada por estudiosos brasileiros, lembrando que as noções de linguagem, interação, dialogismo e ideologia estão entre as categorias centrais na obra de Mikhail Mikhailovich Bakhtin, partindo de sua afirmação de que

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica e isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 1997a: 123)

Gisele Batista da Silva (2007), em Autobiografia e dialogismo: uma abordagem afetiva da linguagem, lembra que Leonor Arfuch faz um percurso desde o retorno de certo interesse pela narrativa vivencial até o estudo do funcionamento dessas narrativas, partindo do estudo de Mikhail Mikhailovich Bakhtin sobre a linguagem conceitos fundamentais para a compreensão de certa produção histórica de discursos. Gisele destaca também que Mikhail Mikhailovich Bakhtin se preocupa com as relações estabelecidas entre homens e linguagem, num meio social que necessariamente participa desse processo

dialógico de conhecimento, acrescentando que ele recusa certa autossuficiência do eu, a partir da qual os discursos se engendrariam em condição adâmica, original, primeira.

Morgana Ribeiro dos Santos (2011), em O dialogismo e a tradição no forró, discute o conceito de dialogismo de Mikhail Mikhailovich Bakhtin, aplicado em letras de música de forró, observando como o diálogo entre os textos contribui para a garantia da tradição no contexto musical do Brasil, confirmando a pertinência do pensamento bakhtiniano para o entendimento dos fenômenos linguísticos e valorizando nossa cultura. Relativamente ao dialogismo, fundamenta-se também em José Luiz Fiorin (2008), quando ensina que “o dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados” (2008, p. 19) e que é no enunciado que “estão presentes ecos e lembranças de outros enunciados, com que ele conta, que ele refuta, confirma, completa, pressupõe e assim por diante”. (FIORIN, 2008, p. 21)

Para terminar este tópico, lembramos o que nos ensina Simone Dália de Gusmão Aranha (2003), em O dialogismo em gêneros retóricos o papel ativo do “outro” no texto publicitário escrito, destacando alguns aspectos fundamentais sobre o fenômeno da linguagem, entre os quais o que considera a linguagem mais que um instrumento de comunicação, visto que por ela se interage com os semelhantes e com o seu mundo, de modo que a linguagem se torna um processo de interação, no qual o indivíduo se torna sujeito e agente do seu dizer.

Embasando-se em Mikhail Mikhailovich Bakhtin, Simone destaca ainda a dimensão sócio-histórica da linguagem, em que há um vínculo ideológico e uma articulação dela com a prática social e histórica, através da qual o sujeito reflete seu comportamento, atitudes e ideologias, tornando evidente o caráter primordial dos aspectos acima apontados na reflexão da língua, afirmando, citando Mikhail Mikhailovich Bakhtin, que “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que

sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua” (BAKHTIN, 1992, p. 279), utilização essa que é efetuada em forma de enunciados que refletem "as condições específicas e as finalidades" da esfera social a que pertencem, desde a situação verbal cotidiana até a tese científica.

Outro ponto marcante focalizado por Mikhail Mikhailovich Bakhtin, lembrado por ela, concerne à importância do “papel ativo do outro no processo da comunicação verbal” (BAKHTIN, 1992, p. 292), para quem é no diálogo que se percebe nitidamente a alternância dos sujeitos falantes.

Gêneros

No de seu artigo “Algumas contribuições de Bakhtin, Schneuwly e Adam para os estudos sobre gêneros”, Sebastião Carlúcio Alves Filho e Sílvio Ribeiro da Silva (2010) apresentam em um parágrafo, uma síntese da história do conceito de gênero a partir da Antiguidade. O próprio Sílvio Ribeiro da Silva (2008) comenta, em “Teoria aplicada sobre gêneros do discurso/textuais”, que os gêneros já preocupavam os grandes filósofos gregos da Antiguidade:

Segundo o autor, o surgimento da noção de gênero se dá com o início da oratória, desenvolvida a partir da instauração da democracia na Grécia. Para Fiorin (2006), nesta época, textos já eram agrupados de acordo com suas características em comum. De início, estes eram distribuídos em três categorias bastante sólidas que, depois, se subdividiram. Hoje, a noção de gênero foi ampliada para todo tipo de produção textual e/ou discursiva, seja ela escrita ou oral.

No tópico “A teoria dos gêneros do discurso proposta por Bakhtin”, Silva (2008, p. 18-22) ensina que não se pode falar em gêneros, sem comentar a grande contribuição de Mikhail Mikhailovich Bakhtin, porque seus postulados sobre a linguagem estabeleceram um marco na linguística moderna e orientaram a maioria das teorias de enunciação conhecidas, há

quase meio século. Isto porque, segundo Mikhail Mikhailovich Bakhtin, a especificidade das ciências humanas está no fato de que seu objeto é o texto (ou discurso), e a teoria dos gêneros do discurso leva em consideração o fato de que a língua é um instrumento de interação, de modo que, somente a interação entre dois indivíduos socialmente organizados pode dar origem à enunciação.

Nesse sentido, segundo Sebastião Carlúcio Alves Filho e Sílvia Ribeiro da Silva (2008), os conceitos apresentados por Mikhail Mikhailovich Bakhtin têm, como eixo central, a ideia de que o uso da linguagem acontece no interior das relações sociais mantidas pelos indivíduos (RAMIRES, 2005), porque "todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem" (BAKHTIN, 1979, p. 261). Ou seja, para Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1979, p. 261), "a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir de seu próprio interior, a estrutura da enunciação". Portanto, é o contexto que determina as características do gênero a ser utilizado, porque "cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados". (BAKHTIN, 1979, p. 280)

A esse respeito, Rosângela Hammes Rodrigues (2005, p. 164) comenta que "Os gêneros se constituem e se estabilizam historicamente a partir de novas situações de interação verbal (ou outro material semiótico) da vida social que vão se estabilizando, no interior dessas esferas", porque, segundo Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1979), o processo de interação cria enunciados que refletem as condições específicas e as finalidades de determinado campo da linguagem pelo seu tema e estilo e por sua construção composicional.

Para Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1992, p. 265), todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário, em qualquer campo de comunicação discursiva – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou escrevente), po-

do ter estilo individual, mas, nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo na linguagem do enunciado.

Por existirem várias esferas de comunicação, é necessário que os indivíduos se utilizem da linguagem de diferentes formas para atingirem determinados objetivos. Isso faz com que exista uma infinidade de gêneros do discurso que se concretizam nas mais diversas situações de uso da linguagem, podendo-se dizer que

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 1979, p. 262)

Segundo Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1979), portanto, é impossível catalogar a grande quantidade de gêneros primários ou simples e de gêneros secundários ou complexos. Além disso, lembra que os gêneros secundários surgem nas condições de interação que se apresentam em situações de um convívio cultural mais complexo, mais desenvolvido e organizado, visto que, ao preparar enunciados que se enquadram nesta perspectiva, o locutor incorpora a eles formas reelaboradas dos diversos gêneros primários.

No artigo “A circulação do conceito de gênero do discurso em duas instâncias mediadoras do ensino e aprendizagem da língua portuguesa”, Morgana Ribeiro dos Santos e Aline Saddi Chaves (2013) trataram “das transmissões dos saberes elaborados na esfera científica, em particular o conceito de gêneros do discurso, e transpostos para a realidade da sala de aula”. Segundo as autoras, pôde ser verificado um certo distanciamento entre a formulação original de Mikhail Mikhailovich Bakhtin e a sua aplicação no ensino, “na medida em que a concepção de língua e linguagem, bem como a de gênero discursivo, apresenta alguns indícios de normatividade”. (SANTOS & CHAVES, 2013, p. 24)

Segundo entenderam da leitura de Mikhail Mikhailovich Bakhtin e Valentin Nikolaevich Volochinov (2002), depois de afirmarem que “o conceito de gênero do discurso corresponde a uma formulação adiantada da teoria do dialogismo”, Morgana Ribeiro dos Santos e Aline Saddi Chaves demonstraram “que a realidade fundamental da língua e da linguagem não é seu aspecto estável e reiterável, mas sua relação inextinguível entre a língua, os sujeitos e a interação verbal”. (SANTOS & CHAVES, 2013, p. 25)

Ao final de seu trabalho, Morgana Ribeiro dos Santos e Aline Saddi Chaves concluíram que

apesar do esforço em se apropriar de uma formulação original e bastante fundamentada sobre o funcionamento linguístico-discursivo dos textos, que se realizam em gêneros discursivos, tanto os PCN quanto o referencial da SEMED¹ manifestam uma preocupação em sistematizar os gêneros. (SANTOS & CHAVES, 2013, p. 34-35)

No artigo “A teoria de gêneros bakhtiniana em textos orais de publicidade e propaganda”, Patricia Jerônimo Sobrinho (2012) ensina que “Os gêneros textuais podem ser entendidos como formas de manifestações linguísticas orais e escritas, produzidas pelos sujeitos em diferentes situações socio-comunicativas”.

Aliás, é Patricia Jerônimo Sobrinho nos lembra a metáfora “correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem”, com a qual Mikhail Mikhailovich Bakhtin (2003, p. 268) define os gêneros, afirmando que são as necessidades comunicativas de uma sociedade que determinam o uso de uns ou de outros gêneros, registrando ainda que “O fato de os gêneros seguirem os parâmetros sociais e históricos das práticas discursivas ocasiona uma infinidade de gê-

¹ Referencial da Secretaria Municipal de Educação do Município de Campo Grande (SEMED, 2008), capital do estado de Mato Grosso do Sul.

neros, impossibilitando registrá-los quantitativamente”. (JERÔNIMO SOBRINHO, 2012, p. 1481)

Gêneros textuais

O artigo “A estrutura composicional nos gêneros textuais a escrever: estudo de caso”, de Sílvio Ribeiro da Silva, Bárbara Battistelli Rauber e Lanilda Teles (2006), sintetiza a história dos gêneros textuais desde Aristóteles (2005), fixando contribuição de Mikhail Mikhailovich Bakhtin, conforme mostraremos a seguir.

A partir dos estudos de Mikhail Mikhailovich Bakhtin, o interesse pelos gêneros na comunicação oral e escrita ultrapassou a limitação a que esteve submetida até o desenvolvimento desses estudos pelos formalistas russos (influenciados por Ferdinand de Saussure), e os gêneros passaram a ser entendidos como tipos relativamente estáveis de enunciados. (Cf. SILVA, RAUBER & TELES, 2006, p. 15)

Dependendo da situação linguística, explicam que o falante/ouvinte produz uma estrutura, com formas-padrão relativamente estáveis de enunciados na comunicação, marcadas pelos contextos sociais e históricos que, dependendo do contexto de produção e de quem as produz, podem ser alteradas, porque é quem produz o enunciado que lhe atribui sentidos, dependendo da situação discursiva. É exatamente por isto que são tantas e tão variadas as formas dos gêneros do discurso. (Cf. SILVA, RAUBER & TELES, 2006, p. 15-16)

Na conclusão do tópico sobre “O estudo dos gêneros ao longo da história”, Sílvio Ribeiro da Silva, Bárbara Battistelli Rauber e Lanilda Teles (2006) ensinam que,

Para Bakhtin, dada a riqueza e a variedade dos gêneros, eles podem ser separados em dois grupos: *gêneros primários* – aqueles que fazem parte da esfera cotidiana da linguagem e que podem ser controlados diretamente na situação discursiva, tais co-

mo bilhetes, cartas, diálogos, relato familiar – e *gêneros secundários* – textos, geralmente mediados pela escrita, que fazem parte de um uso mais oficializado da linguagem; dentre eles, o romance, o teatro, o discurso científico, os quais, por esta razão, não possuem o imediatismo do gênero anterior. (SILVA, RAUBER & TELES, 2006, p. 16)

Entretanto, os *gêneros secundários* acabam, de certo modo, suplantando os gêneros primários, considerando-se que estes fazem parte de uma troca verbal espontânea, e que aqueles representam uma intervenção nesta espontaneidade, pois se apresentam de modo mais complexo e, geralmente, escritos. Não é absurdo dizer que os *gêneros primários* são instrumentos de criação dos *gêneros secundários*. Daí, é possível apontar as características dos gêneros do discurso, que são formas-padrão de um enunciado que possuem um *conteúdo temático*, uma *estrutura composicional* e um *estilo*, ou certa configuração de unidades linguísticas. (*Idem, ibidem*)

A Profa. Patricia Jerônimo Sobrinho (2012, p. 1482) lembra que Mikhail Mikhailovich Bakhtin elenca os três elementos que definem o gênero e que eles estão ligados entre si e formam o enunciado:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [da atividade humana], não só por seu *conteúdo temático* e por seu *estilo verbal*, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e, sobretudo, por sua *construção composicional*. (BAKHTIN, 2003, p. 279)

Para se entender melhor o gênero textual, é interessante saber um pouco mais sobre cada um desses conteúdos, porque “o estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e de determinadas unidades composicionais”. (BAKHTIN, 2003, p. 266)

O *conteúdo temático* se relaciona ao significado linguístico do que é enunciado, assim como à localização do enunciado no espaço e no tempo. Portanto, não podem ser desconsiderados os fatores sociais, econômicos, históricos e culturais em que foi produzido. O conteúdo temático está ligado ao as-

sunto do texto e à forma como ele ganha sentido, a partir do contexto de sua produção. (Cf. JERÔNIMO SOBRINHO, 2012, p. 1483)

O *estilo* é constituído pela seleção de recursos fraseológicos, lexicais e gramaticais do enunciado, dependendo do destinatário e das relações dialógicas com outros enunciados, porque, como diz Mikhail Mikhailovich Bakhtin: “Cada gênero do discurso, em cada campo da comunicação discursiva, tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero”. (BAKHTIN, 2003, p. 301)

Patricia Jerônimo Sobrinho (2012) lembra que o conhecimento do destinatário determina as escolhas discursivas, motivo pelo qual ele é tão importante na construção do discurso. E é por isto que Mikhail Mikhailovich Bakhtin (2003) classifica o elemento estilo do discurso em duas categorias:

um, voltado para a individualidade do sujeito, o que o autor chama de estilo individual; outro, para a coletividade, denominado estilo de gênero. No primeiro, valorizam-se a singularidade do locutor e suas escolhas particulares na dinâmica discursiva. Já no segundo, usos linguísticos, textuais e discursivos são reconfigurados em um determinado contexto enunciativo. (JERÔNIMO SOBRINHO, 2012, p. 1483)

O estilo é, portanto, resultante de escolhas individuais e coletivas. O sujeito não é modelado pelo meio, tampouco pela sua soberania – sem qualquer influência do meio onde se localiza. O que ocorre é uma tensão entre estes dois âmbitos: individual e coletivo. E é essa tensão que gera a ação comunicativa. Vale aqui destacar que nem todo texto reflete a individualidade do sujeito e que, dependendo do gênero, a personalidade pode ser revelada em maior ou menor grau. (*Idem, ibidem*, p. 1483-1484)

Por último, tem-se o elemento nomeado de *construção composicional*. Ele é responsável pela organização e pela estruturação do gênero, o modo como as esferas sociais organizam os enunciados. Segundo Bakhtin (2003, p. 282), “todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo.” Ou seja, o ato comunicativo se realiza através do formato, da organização linguística, textual, discursiva

dos enunciados. São esses recursos que regulam a forma dos gêneros, permitindo que sejam identificados. (*Idem, ibidem, p. 1484*)

É nesse sentido que a construção composicional integra, sustenta e ordena as propriedades do gênero através de elementos linguísticos e discursivos que sustentam

determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro etc. (*Idem, ibidem*)

como bem assinala Mikhail Mikhailovich Bakhtin. (2003, p. 266, *apud* JERÔNIMO SOBRINHO, 2012, p. 1484)

Os três elementos constituintes do gênero – conteúdo temático, estilo e construção composicional – estão indissoluvelmente ligados. Portanto, ao estudar gêneros, não se deve deixar de contemplá-los, mesmo que, às vezes, seja difícil percebê-los à primeira vista, por estarem sobrepostos. É a partir desses elementos que os gêneros são conhecidos, compreendidos e produzidos. (JERÔNIMO SOBRINHO, 2012, p. 1484)

Gêneros do discurso

Em seu artigo “A condução do estudante para a construção da subjetividade: a perspectiva bakhtiniana dentro e fora do ambiente escolar”, Guilherme Brambila Manso e Luciano Novais Vidon (2014) concebem o discurso “como algo essencial para a interação humana”, entendendo que esse ato de comunicação se desenvolve de forma diversificada pela interação do enunciatador com seus receptores.

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana (...). A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma des-

sas esferas (...). Cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1997, p. 290, *apud* MANSO & VIDON, 2014, p. 32-33)

Guilherme Brambila Manso e Luciano Novais Vidon (2014) apresentam interessantes reflexões, a partir do seguinte postulado de Mikhail Mikhailovich Bakhtin, que abre o tópico “A fomentação de possibilidades e suportes motivadores” de seu artigo:

Pode-se colocar que a obra de arte é um acontecimento artístico vivo, significativa, no acontecimento único da existência, e não uma coisa, um objeto de cognição puramente teórico, carente de um caráter de acontecimento significativa e de um peso de valores. A compreensão e a cognição devem operar não sobre o todo verbal previamente necrosado e reduzido à sua atualidade empírica, bruta, mas sobre o acontecimento, em função dos princípios que lhe fundamentam os valores e a vida, dos participantes que o vivem (não é a relação do autor com o material, mas a relação do autor com o herói que é significativa e tem caráter de acontecimento). (BAKHTIN, 1997, p. 203-204, *apud*, MANSO & VIDON, 2014, p. 39)

Todo e qualquer discurso é um registro vivo de uma perspectiva a respeito de determinados assuntos. Por isto, pode-se colocar em destaque o fato de que “o primeiro ponto de tratamento à não motivação na produção do discurso é orientar o estudante a reconhecer-se como autor”, (MANSO & VIDON, 2014, p. 39). Para isto, é preciso convencê-lo de que “ele é de fato um sujeito ou que ele pode ser um sujeito de sua enunciação”. (*Idem, ibidem*, p. 40)

Guilherme Brambila Manso e Luciano Novais Vidon (2014) transcrevem o seguinte exercício de Willian Roberto Cereja e Tereza Cochar Magalhães (2003), demonstrando uma forma bastante positiva de trabalhar com a produção de textos pelos alunos, apesar de ainda a considerarem tímida em relação à proposta de Mikhail Mikhailovich Bakhtin:

Com base nos textos lidos, produza um texto dissertativo-

argumentativo, no qual você defende seu ponto de vista a respeito da questão formulada inicialmente.

Ao produzir seu texto, leve em conta o grau de informatividade, evitando o senso comum. Utilize argumentos convincentes e bem fundamentados. Ao concluir, troque seu texto com um colega e ouça sugestões dele. Passe o texto a limpo, alterando o que achar conveniente, e exponha-o no mural da classe. (CEREJA & MAGALHÃES, 2003, *apud* MANSO & VIDON, 2014, p. 41)

A disponibilização do trabalho, seja em leitura pública, em murais, folhetins etc. contribui para desenvolvimento da argumentação, porque o aluno/sujeito terá o interesse pela recepção positiva de seu discurso. É fundamental, no entanto, que o discurso seja “motivo para os sujeitos agirem responsavelmente dentro de seus ambientes discursivos” (MANSO & VIDON, 2014, p. 42), porque é a partir daí que ele perceberá concretamente “que é de fato um enunciador, já que terá receptores para seu discurso”. (*Idem, ibidem*)

A partir do que Morgana Ribeiro dos Santos e Aline Saddy Chaves (2013, p. 27) entenderam de Mikhail Mikhailovich Bakhtin, “o que importa na língua são os usos que dela fazem os sujeitos; logo, é a comunicação ou interação verbal que constitui o ponto de partida para uma concepção da linguagem”, porque:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2003, p. 261, *apud* SANTOS & CHAVES, 2013, p. 26)

No artigo "A língua que 'curte' as evoluções tecnológicas do século XX e 'compartilha' mudanças significativas para o mundo linguístico do século XXI", Daniella Rocha Reis

(2015, p. 221) ensina que, para refletir sobre as variadas linguagens presentes nas atuais ferramentas de comunicação, é necessário discorrer sobre a noção de gênero e de gênero emergente, lembrando que, para Mikhail Mikhailovich Bakhtin, os gêneros são apreendidos no curso de nossas vidas como participantes de determinado grupo social ou membro de alguma comunidade. Aliás, o papel do outro é muito importante, porque, como ensina Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1979, p. 320), “Os outros [...] não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal”.

Mikhail Mikhailovich Bakhtin aponta três aspectos que caracterizam os gêneros em geral: o conteúdo ou seleção de temas (esfera social); o estilo ou escolha dos recursos linguísticos (função/necessidade temática); e a construção composicional ou formas de organização textual (intenção do locutor). Ou seja:

Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana), dadas condições específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, gera um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. (BAKHTIN, 1979, p. 284)

O conceito do “relativamente estável” está ligado ao fato de que os gêneros do discurso sofrem mudanças históricas e geográficas de acordo com o contexto em que são expostos, e se modificam para atender as necessidades dos seus falantes. Um exemplo é a carta, que foi substituída pelo e-mail e outros gêneros emergentes das novas tecnologias.

Em "A natureza dialógica da linguagem: discursos sobre o índio na literatura brasileira", Giselda Maria Dutra Bandoli e Ingrida da Silva Ramos (2015), preocupadas em abordar alguns conceitos mobilizados por Mikhail Mikhailovich Bakhtin (discurso, enunciado e dialogismo), refletem sobre os discursos formadores de identidades do índio em obras representativas da literatura brasileira, tratando do discurso em relação às

suas condições de produção.

Segundo elas, a partir de investigações sobre o funcionamento da linguagem em suas relações sociais, Mikhail Mikhailovich Bakhtin (2010) postula que a linguagem tem o dialogismo como o princípio constitutivo do enunciado. Para ele, é o dialogismo, considerado como princípio básico para a existência humana, que dá sentido ao discurso, porque é no discurso que se manifestam as relações dialógicas. (BANDOLI & RAMOS, 2015, p. 242)

Para Mikhail Mikhailovich Bakhtin, portanto, a

orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra no mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isto não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar. (BAKHTIN, *apud* FIORIN, 2006, p. 18)

Pensando assim, todo discurso é atravessado por outros discursos, e este é o princípio constitutivo do enunciado, que é sempre heterogêneo, pois nele se ouvem, pelo menos, duas vozes. Os dizeres são orientados para o já-dito e provocam respostas posteriores. E Mikhail Mikhailovich Bakhtin (2010) assegura esse caráter responsivo dos enunciados: “[...] cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido é respondido nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte”. E mais: “Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2010, p. 272, *apud* BANDOLI & RAMOS, 2015, p. 243)

A construção de identidade também ocorre dialogicamente, pois é formada através de discursos. Ou seja, a “identi-

dade nacional é um discurso e, por isso, como qualquer outro discurso, é constituída dialogicamente”. (BAKHTIN, *apud* FIORIN, 2009, p. 3)

Ana Maria Oliveira Lima, Valdirene de Jesus Alves e Verônica Maria Araújo dos Santos (2015), em "Gramática e ensino de língua: considerações e provocações", lembram que, começando na segunda metade do século XX, aconteceu a virada pragmática, quando, “em vez de se preocupar com estrutura abstrata da língua, com seu sistema subjacente (como a *langue* de Ferdinand de Saussure e a competência de Chomsky), muitos linguistas se debruçaram sobre os fenômenos mais diretamente ligados ao uso que os falantes fazem da língua”. (WEEDWOOD, 2002, p. 144, *apud* BANDOLI & RAMOS, 2015, p. 995)

Foi nessa virada pragmática que surgiu Mikhail Mikhailovich Bakhtin, surpreendendo o mundo com a concepção de que, sendo a língua variável e de natureza social, possibilita a interação e, conseqüentemente, o diálogo. Assim, conclui que a língua é essencialmente dialógica, considerando o signo como intrinsecamente ideológico e que, portanto, a enunciação é carregada de ideologia. Enfim, a linguagem é visualizada por Mikhail Mikhailovich Bakhtin como processo de interação em que o sujeito entra em cena, passando a ser “real”, inserido em seu contexto histórico, cultural e social.

Mikhail Mikhailovich Bakhtin e Valentin Nikolaevich Volochinov (2014, p. 127) asseveram que "a verdadeira substância da linguagem é constituída [...] pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação ou pelas enunciações". (*Apud* BANDOLI & RAMOS, 2015, p. 996)

A linguagem só pode ser pensada dentro das relações humanas (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014), de modo que a língua materna não apresenta mistérios para o falante, mas é entendida na familiaridade da comunidade linguística. Ou seja,

apesar de haver tensões, a consciência linguística dos sujeitos se relaciona com a linguagem nas interações verbais. É por isto que determinados contextos de uso da linguagem se sobrepõem a algumas de suas formas normativas. (Cf. BANDOLI & RAMOS, 2015, p. 998)

Silvio Nunes da Silva Júnior e Gabriela Ulisses Fernandes (2015), em "Linguagem e enunciação: uma abordagem dos gêneros textuais no ensino de língua materna", também se referem ao grande número de gêneros textuais, tais como: carta, romance, bilhete, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, resenha, resumos, textos da internet, poemas etc., que podem ser primários ou secundários e orais ou escritos, considerando como primários os diálogos do dia a dia e como secundários os que constituem os romances, dramas, pesquisas científicas e textos literários de toda espécie, além dos grandes gêneros publicitários. (Cf. SILVA JÚNIOR & FERNANDES, 2015, p. 1243)

A diferença entre os gêneros primário e secundário (ideológicos) é extremamente grande e essencial, e é por isso mesmo que a natureza do enunciado deve ser descoberta e definida por meio da análise de ambas as modalidades; apenas sob essa condição a definição pode vir a ser adequada à natureza complexa e profunda do enunciado (e abranger as suas facetas mais importantes). (BAKHTIN, 2003, p. 264)

Os gêneros textuais são aparatos essenciais para nossa comunicação, auxiliando-nos significativamente, com estilos próprios que se adéquam e se adaptam ao tipo de leitor e ao ambiente (Cf. SILVA JÚNIOR & FERNANDES, 2015, p. 1244). Ou seja:

Quanto melhor dominamos os gêneros, tanto mais livremente os empregamos, mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário) e refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 285)

Odete dos Santos Silva (2015), em "Linguagem, ideologia e poder no processo de formação do leitor: os signos linguísticos representados pelos sujeitos históricos das escolas municipais de Vitória da Conquista – BA", verifica como é construída a subjetividade da linguagem no âmbito escolar no século XXI e como se forma a consciência de linguagem e poder ideológico histórico do leitor na escola pública, que expressa a cultura ideológica, social e política no uso e na produção do discurso. A linguagem não se abstém de ideologias que encontram em todas as camadas sociais. Aliás, Mikhail Mikhailovich Bakhtin (2006) ensina que não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, porque a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou de uma vivência.

É, pois, o contexto histórico em que o indivíduo está inserido que determina suas construções linguísticas e seus discursos. Assim, é preciso compreender que os fenômenos ideológicos da aquisição da linguagem estão interligados e que os elementos de comunicação social e os signos representam a materialização dessa comunicação, observando o contexto sociocultural e histórico em que tais sujeitos estão inseridos.

Mas esse espaço semiótico e esse papel contínuo da comunicação social como fator condicionante não aparecem em nenhum lugar de maneira mais clara e completa do que na linguagem. A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (BAKHTIN, 2006 p. 34)

Assim, o autor reforça que a linguagem reflete um fenômeno ideológico e é absorvida em função de seu signo – instrumento importante que cumpre uma função ideológica:

Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de

interação. Razão pela qual as formas do signo são condicionadas, tanto pela organização social de tais indivíduos, como pelas condições em que a interação acontece. Uma modificação destas formas ocasiona uma modificação do signo. É justamente uma das tarefas da ciência das ideologias estudar esta evolução social do signo linguístico. Só esta abordagem pode dar uma expressão concreta ao problema da mútua influência do signo e do ser; é apenas sob esta condição que o processo de determinação causal do signo pelo ser aparece como uma verdadeira passagem do ser ao signo, como um processo de refração realmente dialético do ser no signo. (BAKHTIN, 2006, p. 34, *apud* SILVA, 2015, p. 250)

Odete dos Santos Silva (2015, p. 253) ensina que, no momento certo e do jeito adequado, o professor deve proporcionar ao aluno a oportunidade de ação e reflexão, ou seja, de interação do aluno com a leitura, indicando objetivos, elementos e situações e dando condições para que ele tenha acesso a elementos novos, para possibilitar a elaboração de respostas aos problemas suscitados e superar a contradição entre sua representação mental e a realidade.

Agindo assim o professor, o aluno terá condições de aprender, porque

Mais importante do que reconhecer a forma utilizada, é entendê-la dentro do contexto, e perceber que essa significação varia de acordo com o uso social da palavra. Quando desvinculamos a palavra da realidade, usando-as apenas como pretexto para decorar regras gramaticais, como se a língua fosse um sistema abstrato de normas, ou quando restringimos a leitura de um texto a uma única interpretação, estamos impedindo que venha à tona uma infinidade de outros sentidos possíveis, dando às nossas aulas um caráter monológico. (BAKHTIN, 2006, p. 192, *apud* SILVA, 2015, p. 254)

Guilherme Brambila Manso e Luciano Novaes Vidon (2015), na página 383 de "O artigo de opinião na prática escolar: subjetividade, ensino e responsividade", analisam o tratamento do "artigo de opinião" como gênero discursivo, no contexto escolar, investigando as condições e circunstâncias nas

quais o professor tem atuado no processo de produção de textos dos alunos, com base no princípio bakhtiniano da alteridade. Na discussão com os docentes, os pressupostos de Mikhail Mikhailovich Bakhtin e seu Círculo são explorados para refletir sobre a constituição do sujeito-professor, do ponto de vista do que foi postulado a respeito dos gêneros discursivos e da subjetividade.

Essa discussão em torno da relação entre subjetividade e gêneros do discurso, além de ser objeto de observações constantes de pesquisadores envolvidos com o estudo do discurso e assuntos afins, tem ganhado cada vez mais destaque na prática escolar, especialmente nas aulas de língua portuguesa. O estudo do pensamento de Mikhail Mikhailovich Bakhtin e de seu Círculo ocorre, principalmente, pela atualização dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* que instituíram uma perspectiva sociointeracionista de ensino do texto, aproximando-se da noção de gêneros discursivos e do dialogismo, defendidos pelo círculo bakhtiniano, afastando-se da tradicional perspectiva textual-tipológica. (Cf. MANSO & VIDON, 2015, p. 383)

Mikhail Mikhailovich Bakhtin/Valentin Nikolaevich Volochinov (2006, p. 93), por compreenderem o uso da língua em função do propósito comunicacional, ensinam que

Na realidade, o locutor se serve da língua para suas necessidades enunciativas concretas. Trata-se, para ele – locutor, de utilizar as formas normativas num dado contexto concreto. Para o locutor, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto.

Percebemos, nessa proposta, a existência de um sujeito que não é refém do meio discursivo em que está inserido, mas que participa ativamente dele, respondendo dialogicamente às demandas concretas de enunciação por meio da língua, em função da linguagem e da interação. (Cf. MANSO & VIDON, 2015, p. 384)

Este diálogo nos permite reconhecer que o sujeito histórico e social interage com as situações reais de enunciação e com outros sujeitos oriundos de uma natureza histórica e social que realizam a interação verbal, enriquecendo-se com os discursos um do outro.

Assim, Mikhail Mikhailovich Bakhtin e Valentin Nikolaevich Volochinov (2006, p. 96) reforçam que a interação verbal dos sujeitos “nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular”, sendo eles o enunciador e o destinatário, com a possibilidade de troca de turnos conforme a conveniência do propósito comunicativo.

O processo de produção textual no interior dos gêneros discursivos acontece de maneira responsiva e dialógica. Apesar das configurações básicas de cada gênero do discurso, é perceptível que cada esfera discursiva e cada sujeito possui necessidades discursivas distintas e únicas na produção de seus enunciados, garantindo o caráter primordial dos gêneros discursivos, que é a relativa estabilidade.

Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1997, p. 106) afirma que “o gênero sempre é e não é ao mesmo tempo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo”. Assim, somos convidados a compreender a atividade comunicativa humana como uma tensão contínua de discursos que se cruzam, buscando propósitos interacionais reais. O sujeito só existe por conta da existência do outro, que o reconhece como tal; e é pela interação dos sujeitos através dos gêneros discursivos que a linguagem se mantém em movimento e a comunicação se realiza. (Cf. MANSO & VIDON, 2015, p. 385)

Ana Cristina de Araújo Negrão e Simone Cristina Mendonça (2015), em "O ensino do gênero textual na abordagem sociointeracionista a partir da reescrita do gênero conto na 4ª

etapa da EJA", informam que Mikhail Mikhailovich Bakhtin (2004) dá ênfase ao processo de interação verbal e ao enunciado concebendo a linguagem numa perspectiva integrada à vida humana e ensinando que “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico e abstrato de suas formas, nem no psiquismo individual do falante”. (BAKHTIN, 2004, p. 124)

A interação verbal se efetiva por meio dos gêneros, dos quais Mikhail Mikhailovich Bakhtin aponta duas características: a primeira diz respeito à realidade dialógica como categoria básica de sua concepção, pois para o autor toda a enunciação é um diálogo.

Sobre o diálogo e enunciação, Mikhail Mikhailovich Bakhtin (2004) diz:

A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trate-se de um discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um “horizonte social”. Há sempre um interlocutor, ao menos potencial. O locutor pensa e se exprime para um auditório social bem definido. (BAKHTIN, 2004, p. 16)

A verdadeira substância da língua, constituída pelo fenômeno social da interação verbal, visto que os enunciados não existem de forma isolada, é reconhecida por Mikhail Mikhailovich Bakhtin (2004), a partir da concepção dialógica de linguagem. Aliás, cada enunciado pressupõe seus antecedentes e consequentes. Sua segunda característica é a polifonia, com a qual se pode perceber que um texto não é formado apenas pela voz do escritor. Para Mikhail Mikhailovich Bakhtin, a noção de enunciado está vinculada à ideia de voz, tanto na comunicação oral quanto na escrita. (NEGRÃO & MENDONÇA, 2015, p. 400)

Ele sustenta que a constituição do sujeito ocorre por

meio do contato social, uma vez que é ouvindo o discurso dos outros que ele se descobre e se enxerga como pertencente a esse meio, apesar de ser diferente dos outros. Assim, o autor afirma que a gênese da linguagem está na interação verbal e nas relações coletivas e sociais, num movimento em que o social precede ao individual por meio do signo.

Quando se trata do ensino de língua materna a partir dos gêneros textuais, Mikhail Mikhailovich Bakhtin (2003) orienta que trabalhar com palavras ou frases desconectadas de uma situação enunciativa não faz sentido ao aluno, pois precisa ficar claro que cada enunciado corresponde a condições específicas, e que a finalidade de cada uma das esferas da atividade humana elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados – os gêneros discursivos, heterogêneos – caracterizados pelo conteúdo temático, pelo estilo verbal e pela construção composicional.

O enunciado, portanto, tem um caráter ideológico porque, concretizando-se no texto, no qual línguas, ideologias e visões de mundo se relacionam, um ensino que dá mais relevância à natureza e variedade de gêneros se torna mais significativo do que o ensino que prioriza a abstração da língua. É na alternância dos falantes, levando em conta as circunstâncias comunicativas, os ambientes discursivos e a posição social dos sujeitos que interagem, que ocorre a escolha dos gêneros.

Considerações finais

Considerando-se a riqueza de reflexões apresentada nos diferentes textos aqui comentados, todos publicados nos periódicos e anais de eventos organizados pelo Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CiFEFiL), pode-se afirmar com segurança que constituiriam um ou mais significativos volumes que valorizariam ainda mais a já considerável contribuição bakhtiniana na literatura especializada, produzida

e/ou publicada no Brasil.

Apesar de não ter sido possível comentar todos os trabalhos importantes relacionados a seguir, temos certeza de que os interessados nessas temáticas terão seus trabalhos diminuídos, com possibilidade de apresentar novos pontos de vista teóricos e novas aplicações práticas do pensamento filosófico de Mikhail Mikhailovich Bakhtin a partir dessa publicação.